



JOSÉ CASTELLO

“Literatura é, antes de tudo, uma invenção”

Ainda são comuns os casos de intelectuais vinculados à universidade que, ao emitirem suas ideias, parecem dar a entender (ou dizem-no diretamente) que os estudos literários desprovidos de pressupostos teóricos ou afastados da estrutura científica são deficitários em relação à produção padronizada do conhecimento na área de letras. É como se fora da universidade não existissem reflexões substantivas.

Num outro lado (o de fora da academia), também não são raros os que acusam a produção universitária de restrita e burocrática, numa generalização insensível e tão restrita quanto à dos que se fecham na “torre de marfim” institucional. Sendo assim, o trabalho do crítico José Castello torna-se ainda mais valioso, visto não ser proveniente da faculdade de Letras, o que não o torna refratário a muitos de seus avanços.

Prova disso é a sua grande circulação, como palestrante, em universidades brasileiras e a sua respeitada presença constante como colaborador dos principais cadernos literários do país.

Nessa entrevista, concedida a **Daniel Gil**, Castello fala sobre a renovação da prosa ficcional ocorrida entre nós desde fins do século passado, reafirma a importância de poetas por ele biografados, comenta sua experiência como coordenador de oficinas de escrita e se nega a ver na diferença um combustível para a segregação.

Você tem demonstrado entusiasmo com os romances da primeira década do século XXI, principalmente quando comparados àqueles de um período imediatamente anterior. Qual o diferencial dessas publicações mais recentes?

Creio que a partir dos anos 90 o cinema, a televisão e o documentário exerceram uma forte influência, que considero excessiva, na ficção brasileira. Era natural: foi um período de expansão e sofisticação da TV – sobretudo com a TV a cabo – e também de sofisticação e amadurecimento de nosso cinema. Foi ainda um momento em que o mundo passou a ser, definitivamente, dominado pelo culto das imagens. Culto que se exacerbou ainda mais com a expansão da web. Foi, ao mesmo tempo, um período de liberação política, abrindo mais espaço para o trato e a reflexão sobre a realidade imediata. Tudo isso – expansão do cinema, da TV, da web, e liberação política – foi, sem dúvida, muito bom para todos nós. Mas houve, a meu ver, um efeito negativo sobre a literatura. Os escritores passaram a acreditar que deviam competir diretamente com a TV e com a web. Passou-se a imaginar que a literatura só sobreviveria se fosse, um pouco também, imagem. Muitos passaram a confundir a literatura com a realidade. Surgiu, assim, um novo realismo – réplica do mundo devassado (quase obsceno) de imagens em que hoje vivemos. Muitos autores de roteiros e de argumentos para a TV e o cinema se mudaram para a literatura. O limite entre web e literatura se fragilizou. Os temas do noticiário – a violência urbana, a miséria, o narcotráfico, a exploração sexual, os submundos etc. – invadiram, da mesma forma, a ficção brasileira, que se tornou, assim, refém do presente. Com o século XXI, essa tendência, me parece, começa a

se reverter. Os grandes ficcionistas brasileiros de hoje entendem que a literatura é uma coisa, a realidade é outra. Que literatura é, antes de tudo, invenção. É fundação de um novo mundo, e não repetição do mundo existente. Ela pode até se inspirar na realidade, é claro, mas para modificá-la, para expandi-la, para reinventá-la. Esse, no meu entender, é o grande salto que observamos nessa primeira década do século XXI, e que se exemplifica na obra de autores como Bernardo Carvalho, João Gilberto Noll, Raimundo Carrero, Cristovão Tezza, Milton Hatoum. Escritores, grandes escritores, que voltaram a se comportar como escritores, isto é, como inventores, e não como fotógrafos, jornalistas ou cineastas.

Como tem sido a experiência com a Oficina Literária?

Muito rica. Minhas oficinas se baseiam, sobretudo, em leituras. Não há maneira melhor de se aprender a escrever, eu penso, do que ler. Com a psicanalista carioca Maria Hena Lemgruber, aliás, tenho um projeto, o EXTREMOS/ Círculo de Leitura de Ficções Radicais, cuja proposta é ler em voz alta, linha a linha, comentando cada parágrafo, frase, palavra de grandes narrativas contemporâneas. Não é um evento para especialistas, e nem eu, nem a Maria Hena, nos comportamos como professores. Somos apenas, como nos definimos, “leitores-regentes”, isto é, dois leitores que regem e guiam a leitura. Sentamo-nos em círculo, e todos têm o mesmo direito de interromper, de falar, de interpretar, de sugerir perspectivas, de formular dúvidas e de fazer perguntas. Estamos ali mais para produzir perguntas, dúvidas, inquietações do que para fornecer respostas, interpretações fechadas ou transmitir padrões de leitura. Em minhas oficinas, trabalho, mais ou menos,

do mesmo modo. Posso partir dos poemas de João Cabral, das cartas de Flaubert, dos sonhos de Kafka, dos contos de Clarice Lispector, das entrevistas de Julio Cortázar. Não importa, a ideia é sempre a mesma: ler junto, discutir junto, abrir perspectivas, encontrar novas maneiras de “escutar” os livros, expandir nossa visão da literatura. Creio que assim, sem recorrer a nenhuma teoria, a nenhum dogma, a nenhum cânone, expandimos, juntos, nossa visão da existência.

Você tem debatido constantemente divergências com seu amigo Raimundo Carrero quando o assunto é a formação de escritores. Até onde é possível ajudar um candidato a escritor a alcançar seu objetivo?

Raimundo Carrero, além de um grande escritor, é um querido amigo. Apesar disso, temos, de fato, grandes divergências em relação à prática das oficinas. Mas essas divergências, em vez de nos afastarem, só nos aproximam e nos enriquecem. O mundo literário é dominado por vaidades e também por tabus. Os escritores tendem a andar em grupos fechados e a só dar importância e considerar seus “iguais”. Ora, o que enriquece uma convivência é a diferença – e eu e o Carrero experimentamos isso na carne com grande entusiasmo e alegria! Resumo de modo muito precário as ideias que nos separam: Carrero acha que é possível formar um escritor. Eu, ao contrário, acredito que tudo o que se pode fazer é “deformá-lo”. Carrero é um intelectual metódico, um trabalhador incansável, um grande pensador, muito estudioso, e por conta disso desenvolveu uma sofisticada “tecnologia” de formação literária. Eu, talvez por questões de temperamento – sou mais “caótico”, aprecio muito mais o improvisado e a surpresa, acredito mais na

liberdade e na dúvida do que no rigor e nas certezas –, prefiro usar as oficinas para estimular as particularidades de cada aluno. Sempre digo a eles: em minhas oficinas, a questão não é acertar, mas errar. É claro: é preciso saber “errar bem”, isto é, sustentar seu erro. Os que chegam esperando apostilas, exercícios, avaliações, truques etc. se decepcionam porque nada disso me interessa. O que tento fazer é ajudar a “desfazer” vícios de linguagem e de pensamento, “desordenar” um pouco a escrita dos alunos, ajudá-los a se afastar dos clichês, dos lugares comuns, dos dogmas literários. Na esperança de que, com isso, eles consigam chegar à sua voz interior, ao que têm de particular, de insubstituível e até de “estranho”. Só acessando essa zona escura, eu penso, um escritor começa a nascer. O resto é aprender a escrever, e isso – se a escola não ensina (devia ensinar) – se aprende lendo.

De seus dois poetas brasileiros preferidos, saíram duas biografias: Vinicius de Moraes: o poeta da paixão e João Cabral de Melo Neto: o homem sem alma. Existem semelhanças entre esses poetas (falsamente?) opostos?

Vinicius e Cabral são, de fato, poetas muito diferentes. É justamente porque foram homens que apostaram radicalmente em sua voz singular que eles se tornaram grandes poetas. A maior semelhança que vejo entre eles é a forte presença da emoção. Vinicius, o derramado, o “poeta da paixão”, o lírico, fez da emoção o objeto privilegiado de sua obra poética. Cabral, ao contrário, o contido, o cerebral, o “arquiteto”, fugiu como pôde da emoção, lutou todo o tempo contra ela, na esperança de dominá-la e camuflá-la. Certa vez, Cabral deu uma explicação definitiva a respeito disso. Disse

algo assim: “Minha cabeça é um caos e eu preciso impor alguma ordem em algum lugar. Então escrevo poesia”. Vinicius, poeta do derramamento, e Cabral, poeta da contenção, lutam todo o tempo contra as mesmas forças. São poetas, a meu ver, que habitam o mesmo território poético. Mas, com personalidades, sensibilidades e estratégias distintas (e opostas) tornam-se, na aparência, poetas antagônicos. É, de novo, um exemplo de divergência que, em vez de machucar e discriminar, estimula e enriquece.

A obra de Vinicius está sendo reeditada. Qualidades do poeta, que envolvem a experimentação, o humor e o virtuosismo, ficam cada vez mais evidentes. Como vê o crescente reconhecimento da crítica daquele que já havia conquistado o público há décadas?

Quando fiz minha longa pesquisa para escrever *O poeta da paixão*, visitei muitos departamentos de Letras de universidades no Rio e em São Paulo em busca de dissertações e teses sobre o poeta. Encontrei dezenas de trabalhos, alguns deles estupendos, a respeito de Drummond, de Bandeira, de Cabral, de Pessoa. Mas praticamente nada que prestasse a respeito de Vinicius. O nome de Vinicius estava cercado por um grande silêncio – e por um grande desprezo! Comecei a entender melhor, então, a alcunha de “poetinha” com a qual até hoje ele é conhecido. Parece uma denominação amorosa, generosa, afetiva, mas, na verdade, é uma segregação. Vinicius, o grande lírico do século XX, pagou alto o preço de sua opção pelo lirismo. No século das vanguardas e dos experimentalistas, infelizmente o lirismo foi visto, muitas vezes, como um “crime”. O silêncio que envolveu durante décadas o nome do poeta Vinicius (não do músico Vinicius!) é uma espécie de castigo por esse

“crime”. A reedição da obra de Vinicius de Moraes organizada pela Companhia das Letras, a partir dos anos 90, começou a inverter essa situação. Minha biografia ajudou nisso. A atual reedição da obra, feita com requinte e rigor por intelectuais do peso de Eucanaã Ferraz e Antonio Cícero, vem ajudar mais ainda. Vinicius precisa ocupar o lugar que lhe é destinado: o de um dos grandes poetas da língua portuguesa. Creio que estamos chegando a isso.

